

Editorial

Interações, Revista Internacional de Desenvolvimento Local, chega a seu quarto número com muitos motivos para comemorar.

O primeiro deles seria o crescimento do número de colaboradores e do interesse internacional por essa publicação, fato que contribuiu para a manutenção dos padrões científicos desse periódico. Assim, o número quatro de *Interações* traz trabalhos desenvolvidos em três continentes, pois aqui se encontram textos enviados do Chile, da Austrália, de Portugal, da Suíça e da Alemanha (resultante de pesquisas realizadas na Nicarágua), além dos textos produzidos no Brasil.

A diversidade de abordagens dos temas relacionados ao Desenvolvimento Local também demonstra a grande potencialidade dessa nova perspectiva social em que as comunidades tomam suas relações internas (culturais, organizacionais, produtivas, econômicas) como seu próprio objeto de aprimoramento.

Assim, Denis Maillat analisa a existência de vários tipos de sistemas territoriais de produção, cujas capacidades de adaptação à globalização são distintas entre si. Com base na noção de “Meio Inovador” (nascida como “Milieu Innovateur” e adotada pelos anglosaxões como “Innovative Milieu”), Maillat discute a capacidade dos sistemas territoriais de produção em relação à introdução de processos endógenos de desenvolvimento e à adaptação à competitividade global.

João Ferrão, por sua vez, estuda o papel crescente que a inovação desempenha como motor de desenvolvimento das sociedades contemporâneas, defendendo que, nesse contexto, os processos de inovação resultam de processos interativos de aprendizagem coletiva, com o envolvimento de diferentes agentes e tipos de conhecimento de origem e natureza igualmente diversificadas. A capacidade de inovar depende, assim, não só das características dos vários agentes, mas também dos “meios” onde estes se localizam ou desenvolvem as suas atividades. Ferrão introduz o

conceito de “gestão de trajetórias territoriais de inovação” em suas reflexões, e considera que tal conceito pode constituir um importante instrumento para a qualificação sustentada da capacidade coletiva de inovação.

Por outro lado, Paulo Tarso Vilela de Resende serve-se do conceito de “cluster” para analisar as cadeias produtivas e as formas de agregação de valor aos produtos no próprio local de produção. Para Resende, a colocação dos produtos nos mercados consumidores pode trazer resultados significativos para a competitividade sustentada, a partir do momento em que é criado um elo de ligação entre o produto e o *supply chain* a ele conectado. Resende analisa as relações entre a logística integrada de distribuição de produtos e o processo de clusterização em áreas de produção.

Nessa perspectiva, Emilia Kashimoto, Marcelo Marinho e Ivan Russeff tecem reflexões acerca do desenvolvimento local de uma determinada comunidade – auto-identificada, em essência, por referências culturais e ambientais –, com base no pressuposto de que desenvolvimento implica, necessariamente, melhoria da qualidade de vida dessa população. Para os autores, a cultura, ao invés de um obstáculo ao progresso, emerge como manancial de inusitadas experiências e de evidente sabedoria locais, diretrizes úteis à criação coletiva e compartilhada de uma vida melhor.

Antonio Elizalde, por outra vertente, discute os conceitos de Sociedade Civil e de Terceiro Setor, e apresenta um conjunto de dados que permitem definir a enorme desigualdade como o principal problema das sociedades atuais. Elizalde sustenta a necessidade de uma profunda mudança cultural que conduza a uma sociedade na qual todos os seres humanos estejam incluídos, e na qual haja respeito e reverência a todas as formas de vida.

Rodrigo Studart Corrêa analisa os argumentos que defendem o controle populacional como a melhor solução para os maiores

problemas ambientais do planeta, e conclui, na vertente oposta, que o “espaço ecológico” ocupado pelas sociedades ricas do Norte é muito maior do que o das sociedades pobres do Sul.

Também pelo viés científico que prima pela conservação do planeta, Antonia Railda Roel sustenta que a industrialização da agricultura ocasiona diminuição dos lucros das atividades agrícolas, desastres ambientais, exclusão do homem do campo e produção de alimentos com resíduos nocivos à saúde humana. Roel afirma que a agroecologia resguarda o ambiente de agressões, produz alimentos sem contaminantes, diminui os custos de produção, aumenta a oferta de emprego e evita, assim, o êxodo rural. Em outras palavras, a agroecologia permite o desenvolvimento sustentável em regiões que passam por sérios problemas sociais.

Sob essa óptica, Alicia Rivero apresenta uma instigante entrevista realizada, na Nicarágua, com Mayra Pineda, responsável

por um organismo que sustenta o empoderamento (“empowerment”) feminino como forma de desenvolvimento em escala humana. Esse organismo – “Xochilt Acalt” – ocupa-se de assuntos relativos a Saúde, Planificação Familiar, Educação Sexual, Direitos Humanos e Cidadania, além de impulsionar e apoiar tecnicamente a produção agrícola ecológica, a legalização de terras e de estabelecimentos agrícolas em benefício das mulheres, conjunto de atitudes que fortalece o papel da mulher em meio à sua comunidade.

Por fim, vale sublinhar mais uma vez que *Interações*, órgão de divulgação científica do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco – programa recomendado pela CAPES e credenciado pelo MEC – solicita que todos os pesquisadores interessados pelo tema do Desenvolvimento enviem trabalhos inéditos para publicação neste veículo distribuído nacional e internacionalmente, entre instituições universitárias e organismos de pesquisa.